

## Mundo



## GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Milei corta programa de prevenção

Após mudanças, especialistas temem medidas para dificultar aborto legal



Demonstração de poder. Um míssil iraniano passa diante de um estande de autoridades militares em Teerã durante o Dia do Exército; tentativa de aliados de Israel de reduzir capacidade do Irã de produzir armas que ameaçam Estado judeu

# ISRAEL DÁ TROCO AO IRÃ

## Seis dias após sofrer bombardeio, país retalia e ataca território iraniano, dizem TVs dos EUA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Seis dias após sofrer um ataque direto sem precedentes do Irã, Israel realizou na madrugada de hoje (noite de ontem no Brasil) uma ofensiva de retaliação, segundo afirmaram as redes de TV americanas CNN, ABC News e CBS News citando fontes oficiais dos Estados Unidos. Ontem, por sua vez, o governo americano e britânico impuseram novas sanções ao Irã para tentar limitar o programa de mísseis e drones do país.

O Irã reportou uma explosão de origem desconhecida a noroeste da cidade de Isfahã, segundo a CNN, citando o noticiário iraniano. As explosões ocorreram após a ABC News reportar que mísseis israelenses teriam atingido um local no Irã, citando um oficial americano anônimo.

"A cidade de Ghajjajwarsan está localizada perto do aeroporto de Isfahã e é a oitava base de caças da Força Aé-

rea do Exército", reportou o noticiário.

Segundo a agência de notícias estatal Irna, os sistemas de defesa aérea iranianos foram ativados em diferentes províncias do país, mas sem entrar em detalhes sobre o que teria levado à medida.

Outros relatos não confirmados até o fim da noite de ontem indicavam explosões perto das cidades de Damaz, na Síria, e em Bagdá, no Iraque, disse o site americano The Hill. A CNN disse que os ataques foram suspensos. Terceira cidade mais importante do Irã, Isfahã é estrategicamente importante para o país, abrigando vários locais importantes, incluindo centros de pesquisa e desenvolvimento militar e bases militares.

A cidade vizinha de Natanz contém um dos locais de enriquecimento nuclear do país, informou a Reuters. Vários drones foram abatidos com sucesso pela defesa aérea do

país, não há relatos de um ataque com mísseis por enquanto", disse o porta-voz da agência estatal iriana, Hossein Dalirian, no X.

O governo do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, já havia afirmado que conduziria uma resposta militar ao Irã após os ataques realizados no fim de semana, quando o Irã lançou uma ofensiva a Israel com mais de 300 drones e mísseis (quase todos interceptados no ar). O ataque lançado pelo Irã foi em retaliação a um bombardeio atribuído a Israel ao complexo de sua embaixada na Síria, no início do mês que matou 16 pessoas, entre elas sete militares, incluindo dois comandantes da Guarda Revolucionária.

**PRESSÃO POR CONTENÇÃO**

O governo do presidente dos EUA, Joe Biden, vinha pressionando Netanyahu a não retaliar para não arriscar a escalada de um conflito mais amplo na região.

Por outro lado, os EUA anunciaram ontem a imposição de novas sanções contra o programa de drones do Irã com o objetivo de reduzir a capacidade do país de produzir os veículos não tripulados. As sanções também tentam impedir as exportações da indústria do aço do Irã, que geram bilhões de dólares ao país.

— Que fique claro para todos aqueles que permitem ou apoiam os ataques do Irã: os Estados Unidos estão comprometidos com a segurança de nosso pessoal e dos nossos parceiros na região. E não hesitaremos em tomar todas as medidas necessárias para responsabilizá-los — declarou Biden no anúncio das sanções.

Em comunicado, o governo britânico indicou que vai sancionar "várias organizações militares, indivíduos e entidades envolvidas na indústria de drones e mísseis

iranianos". As medidas ocorrem enquanto crescem as preocupações de que o ataque sem precedentes do Irã, que no sábado lançou mais de 300 drones e mísseis contra o território israelense, possa alimentar uma guerra ampla no Oriente Médio.

**UE APERTARÁ CERCO**

As sanções dos EUA visam a executivos de um fabricante de motores que fornece peças para a produção dos drones Shahad-131 do Irã, usados no ataque a Israel, além de empresas que prestam serviços para motores e de indivíduos associados ao fornecimento dos drones a grupos aliados a Teerã.

Previamente ao anúncio americano e britânico, o bloco europeu afirmou em comunicado que "tomará medidas restritivas adicionais contra o Irã, especialmente em relação a veículos aéreos não tripulados e emissões".

Não ficou claro, porém, como as medidas ocidentais poderão conter o país. Em outubro passado, o governo Biden anunciou sanções similares ao programa de drones iranianos, que autoridades disseram à época ter como objetivo frustrar a habilidade do país de produzir exatamente o tipo de armas usadas contra Israel.

### EFICÁCIA EM DÚVIDA

A efetividade da ofensiva iraniana indica que, nos últimos 40 anos, o país encontrou maneiras de contornar as sanções ocidentais, incluindo em suas práticas de envio ilícito de petróleo e, especialmente, armamentos para a Rússia.

Os comentários de Michel foram realizados horas após os principais diplomatas do Reino Unido e da Alemanha visitarem Israel para instar o premier Benjamin Netanyahu a não provocar uma guerra mais ampla respondendo fortemente o bombardeio do país.

O premier, no entanto, esquivou-se das pressões. — Agradeço aos nossos amigos pelo apoio à defesa de Israel. Eles têm todos os tipos de sugestões e conselhos, e sou grato. Contudo, gostaria de esclarecer: nós tomaremos nossas próprias decisões — disse o premier Netanyahu ontem em reunião do Gabinete de guerra em Jerusalém.

Com AFP e New York Times

# Washington veta resolução sobre adesão da Palestina à ONU

ANP classifica decisão no Conselho de Segurança de 'injusta' e 'imoral'

BRASÍLIA

O Irã vetou ontem uma resolução no Conselho de Segurança para a adesão da Palestina como membro das Nações Unidas, confirmando um discurso antigo de Washington que defende uma discussão política, envolvendo o Israel, antes de qualquer reconhecimento do Estado palestino. O país foi o único a votar contra a resolução, que teve o apoio de 12 governos, com duas abstenções.

O texto foi apresentado pela Argélia e recomendando que "o Estado da Palestina seja admitido como membro nas Nações Unidas". Para ser aprovado, ele precisava de ao menos nove dos 15 votos no Conselho de Segurança, e não se vetado

pelos países com assento permanente — EUA, Reino Unido, França, Rússia e China. Caso superasse a etapa, seria submetido à Assembleia Geral, onde deveria obter ao menos dois terços dos votos.

### 'QUESTÕES NÃO RESOLVIDAS'

Na discussão preliminar, o vice-premier palestino, Ziad Abu Amur, disse que a adesão "pavimentaria o caminho para a paz verdadeira através da justiça". Ele mencionou o contexto em que ocorreu o debate, com a guerra na Faixa de Gaza em seu sétimo mês, com mais de 33 mil vítimas e um rastro de destruição no território controlado pelo grupo terrorista Hamas.

A Palestina, desde 2012, status de Estado observador

não membro da ONU, permitindo que participe dos procedimentos e atividades da organização, mas sem o direito a voto. No começo do mês, a delegação palestina reneceu novamente um pedido de adesão plena, feito inicialmente em 2011, e o tema foi submetido à Comissão de Admissão de Estados-Membros, subordinada ao Conselho de Segurança.

Ao todo, 12 países aprovaram a resolução: Argélia, Moçambique, Serra Leoa, Guiné, Equador, Rússia, China, França, Eslovênia, Malta, Japão e Coreia do Sul. Reino Unido e Suíça se absteram, e os EUA exerceram o direito de veto.

Ao justificar a decisão, o vice-embaixador americano na ONU, Robert Wood, disse que



Sem casa nem reconhecimento. Palestinos andam sobre escombros em Gaza

há "questões não resolvidas" que impedem o reconhecimento de um Estado palestino, e defendeu que apenas as negociações envolvendo palestinos e israelenses, com o apoio dos EUA e outros países, poderão levar a uma solução de dois Estados.

Desde os ataques de 7 de outubro, o presidente [Joe Bi-

da comunidade internacional", e disse que ele "revela as contradições da política americana".

Hoje, 139 países reconhecem o Estado palestino, incluindo o Brasil, que o fez em dezembro de 2010. Em intervenção, o chanceler Mauro Vieira disse que "chegou a hora da comunidade internacional finalmente receber o Estado da Palestina, totalmente soberano e independente, como novo membro das Nações Unidas".

— Os últimos acontecimentos no Oriente Médio são mais uma prova de que uma solução duradoura e sustentável para a questão palestina não é apenas um imperativo moral. É um pré-requisito estratégico para a estabilidade regional e global — disse Vieira. — A paz e a estabilidade no Oriente Médio só poderão ser alcançadas quando as legítimas aspirações do povo palestino à autodeterminação e a condição de Estado forem atendidas.